



Entre na Roda

um olhar sobre a prática
da roda ginástica



Tatiana Bierrenbach Carreiro

Prof^ª Dr^ª Elizabeth Paoliello Machado de Souza

Orientadora

Campinas/SP

2002



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Tatiana Bierrenbach Carreiro

Entre na Roda

um olhar sobre a prática
da roda ginástica

Monografia apresentada à
Faculdade de Educação
Física da UNICAMP como
requisito de avaliação da
disciplina Seminário de
Monografia sob orientação
da Prof^a Dr^a Elizabeth
Paoliello Machado de Souza

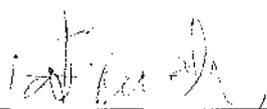
Campinas/SP

2002

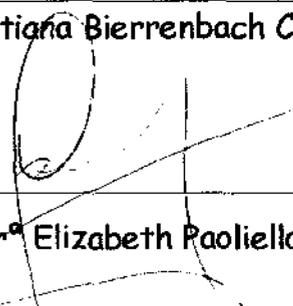
Entre na Roda

um olhar sobre a prática
da roda ginástica

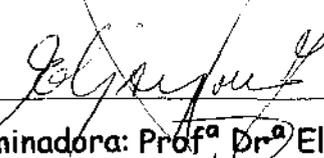
Campinas, Novembro de 2002.



Aluna: Tatiana Bierrenbach Carreiro



Orientadora: Prof^ª Dr^ª Elizabeth Paoliello Machado de Souza



Banca examinadora: Prof^ª Dr^ª Eliana Ayoub

Dedicatória

Dedico este trabalho aos apaixonados pela roda ginástica e a todos que, de perto ou de longe, acompanham, observam e aplaudem o trabalho de expressão da cultura corporal.

"Amo as imagens, mas elas me amedrontam. Imagens são entidades incontroláveis que frequentemente produzem associações que o autor não autorizou. Os conceitos, ao contrário, são bem-comportados, pássaros engaiolados. As imagens são pássaros em vôo... Daí seu fascínio e perigo."
(ALVES, 2002, p. 67)

Agradecimentos

Às minhas melhores amigas Andressa Tiemi, Thaís Helena, Fabiane e Tatiana Carmona, pela convivência e confiança desde o primeiro ano de faculdade.

À minha família, pela compreensão e apoio aos meus sonhos.

À Beth e ao Jorge, pela confiança e por todas as portas e janelas abertas.

Ao Grupo Ginástico Unicamp, sem palavras... pela experiência.

Ao Grupo de Roda Ginástica da Unicamp, por todas as flores que vêm dando.

À Nana, meu exemplo de professora.

À Elaine Costa, pela amizade e carinho. Beijos para mãinha!

À Nina Züelke, Sabine e Janine Nickel, Lin-Veronica e Sigrun Leisner, por colocarem-me dentro de suas vidas e oferecerem uma infinidade de conhecimento.

À Helena Viana, pela maravilhosa parceria na organização do Camp de Roda Ginástica.

Todos, pessoas especiais que passaram pela minha vida e ensinaram coisas desta mesma vida... algumas dessas coisas já aprendi e outras ainda preciso compreender...

Resumo

Este trabalho tem o intuito de trazer um referencial teórico da roda ginástica para o Brasil, descrever como ocorre seu processo de aprendizagem na Alemanha e apontar uma outra possibilidade pedagógica. A pesquisa de campo foi realizada durante dois meses na Alemanha e Espanha, com registro fotográfico, anotações e coleta de materiais em forma de imagens (fotos, filmes) e textos. Atenção especial foi dada à observação da metodologia de ensino, postura de professores e alunos nas aulas de roda ginástica. Assim, após definir uma linguagem comum referente aos termos utilizados neste esporte, é apresentada a técnica básica, o relato da experiência da pesquisadora na Europa e apontamentos para outra possibilidade de ensino desta modalidade gímnica, de acordo com a experiência no Grupo de Roda Ginástica da UNICAMP.

Palavras-chave: roda ginástica, espetáculo, expressão corporal

Sumário

Resumo

Introdução p. 07

I - A trajetória da roda p. 10

II - Regulamentação p. 12

Definindo uma linguagem p. 12

Conceitos básicos p. 12

As disciplinas da roda ginástica p. 16

Categorias de elemento p. 20

Como se descreve um elemento p. 23

Estrutura do Campeonato Mundial p. 24

III - Técnica de aprendizagem básica p. 26

Elementos em linha-reta p. 26

Elementos em espiral p. 28

Elementos de salto e saídas p. 29

IV - Experiências vividas p. 31

No Brasil p. 31

Na Europa p. 36

Um olhar brasileiro p. 55

Bibliografia p. 60

Anexo p. 62

Introdução

Antes de despertar-me o interesse em pesquisar sobre as rodas ginásticas alemãs, fascinei-me por sua prática. Mas antes de iniciar uma prática houve o encontro com este fascinante aparelho, cuja história vou contar rapidamente. Estava para acontecer o Fórum Internacional de Ginástica Geral, de 24 a 31 de agosto de 2001, no SESC Campinas. O evento era uma parceria do SESC com a Faculdade de Educação Física da UNICAMP e teve a Profa. Dra. Elizabeth Paoliello como organizadora do evento. Esta, como coordenadora do Grupo Ginástico UNICAMP, orientou este grupo de forma a participar da organização deste evento. Com efeito para um Fórum Internacional, viriam grupos ginásticos de várias partes do mundo como, Chile, Argentina, Bélgica, Dinamarca e Alemanha. Uma vez no Brasil, estes grupos precisariam de acompanhantes e tradutores. Logo me surgiu interesse por esta tarefa. Seria a primeira vez no Brasil que um grupo de roda ginástica da Alemanha viria dar cursos e vivências deste esporte. E foi por este grupo que me responsabilizei. Escolha mais que perfeita! Eram doze pessoas, sendo nove mulheres e três homens. Nosso relacionamento foi ótimo, tudo deu muito certo.

Fui buscá-los no aeroporto e sabia que estavam a trazer cinco rodas. Não sabia como eram, se eram inteiriças ou se desmontavam, apenas imaginava-as grandes. Enfim desembarcaram, com as malas e com as rodas desmontadas (divididas em quatro pedaços). Então se iniciou a rápida, mas intensa, significativa e marcante passagem de duas semanas pelo Brasil. Organização, informações, montagem das rodas, vivências, experiências novas, workshops, novas sensações, impressões, amizades, convivência, contatos, trocas, aprendizagem e paixão. É, acho que foi amor à primeira vista. Estas rodas encantaram-me!

Aos poucos fui aprendendo sobre esta modalidade ginástica, sua história, experiências individuais, observando os primeiros contatos das pessoas nos cursos e as expressões de suas sensações. Além de traduzir e ajudar nos cursos, também arriscava-me em algumas manobras. Este namoro não tinha mais hora certa. Para completar, fiquei eufórica ao saber que a Faculdade de Educação Física da UNICAMP havia comprado duas daquelas rodas, sendo uma delas a do meu tamanho, na qual eu descobria meu corpo numa nova relação. Este relacionamento finalmente teria um final feliz.

Menos de um ano depois resolvi ficar dois meses na Alemanha especializando-me em roda ginástica: treinando, aprendendo a fazer segurança e a ensinar. Fui muito bem recebida, tive várias aulas particulares, observei outras tantas e participei de um Camp¹ de Roda Ginástica em Valência, na Espanha.



Figura 1. Campeonato alemão de roda ginástica. Leipzig, Alemanha, 2002.

Esta experiência de vida já estava atrelada ao interesse nesta presente monografia. Assim, após um registro fotográfico e de anotações em caderno de campo sobre tudo o que me intrigava, estruturei este trabalho como única referência sobre este assunto publicada no Brasil até o momento.

O primeiro capítulo, **A evolução da roda**, trata da história do surgimento da roda e o desenvolvimento do esporte desde então. Apresenta também suas três disciplinas²: linha reta, espiral e salto.

O segundo capítulo, **Regulamentação**, mostra a forma encontrada para definir uma linguagem antes de falar sobre um assunto "novo". Assim, apresento conceitos básicos de eixo corporal, posição corporal em relação ao aparelho, tipos de agarras e posições corporais básicas na roda. Aqui também

¹ Camp é o nome dado a um encontro de treinamento.

² Disciplina é o nome dado a grupos de exercícios diferentes na roda.

está presente a estrutura da roda, suas disciplinas básicas, suas categorias de elementos e a forma geral de descrição de um elemento.

O terceiro capítulo, **Técnica de aprendizagem básica**, apresenta os elementos em linha reta através dos princípios gerais de posição corporal, exercícios centralizados e descentralizados. Assim como, os elementos em espiral e seus princípios gerais de posição corporal, os elementos centralizados e descentralizados no espiral grande e pequeno.

O quarto capítulo, **Experiências vividas**, fala da minha experiência com a roda ginástica na Europa e no Brasil.

Um olhar brasileiro é a reflexão sobre as experiências vividas e a proposta de uma outra metodologia de ensino, concluindo assim este trabalho.

I - A trajetória da roda³

Es war einmal... Ops! Era uma vez um ferroviário alemão, chamado Otto Feick, que foi preso depois da Primeira Guerra Mundial. Durante o cárcere lembrou-se de uma experiência de sua infância, quando descia um barranco em dois anéis de barril amarrados. A partir desta lembrança, Feick planejou construir um material ginástico. Quando foi solto, desenvolveu a roda ginástica, que ele chamou de "rhoenrad". Em 1925, Feick patenteou a roda criada e reservou todos os direitos em 30 países. Foi então que começou a fazer apresentações na Inglaterra, na França e nos EUA com o apoio de um grupo de seletos ginastas. A primeira competição internacional foi em 1930, em Bad Kissingen, Alemanha, e pretendia proporcionar as bases para competições internacionais de roda ginástica.

O desenvolvimento internacional foi interrompido pela Segunda Guerra Mundial. Depois da guerra, alguns ginastas de roda, entusiasmados, recomeçaram a treinar e com sucesso. Em 1959 este esporte tornou-se parte da Federação Alemã de Ginástica.

A disseminação internacional começou lentamente, mas tem sido contínua. Em 1990, o contato internacional culminou no Primeiro Camp de Treinamento Internacional e Primeiro Campeonato Europeu, respectivamente nas cidades de Finnentrop e Taunusstein, Alemanha.

Em 1995 foi fundada a Associação Internacional de Roda Ginástica e o Primeiro Campeonato Mundial aconteceu nos Países Baixos. Desde então, esta associação tem promovido o Campeonato Mundial a cada dois anos e um Camp de Treinamento Internacional nos anos intermediários.

A roda utilizada neste esporte consiste em dois aros tubulares de aço do mesmo tamanho, cobertos por material sintético e conectados por seis barras de aço. Duas dessas barras são lisas, duas têm pranchas de madeira presas a ela e outras duas possuem alças. Também há uma alça em cada aro.

Hoje, a roda ginástica é um esporte competitivo, com mais de três mil clubes alemães filiados à Associação Internacional. Com praticantes no Japão,

³ IRV. Disponível em: < <http://www.wheelgymnastics.com> > Acesso em: 2001

Suíssa, EUA, Noruega, Suécia, Holanda, Áustria e Israel, este esporte vem desenvolvendo-se e sendo difundido.



Figura 2. Otto Feick. Aproximadamente 1930.

II - Regulamentação⁴

Definindo uma linguagem

Esta é a roda

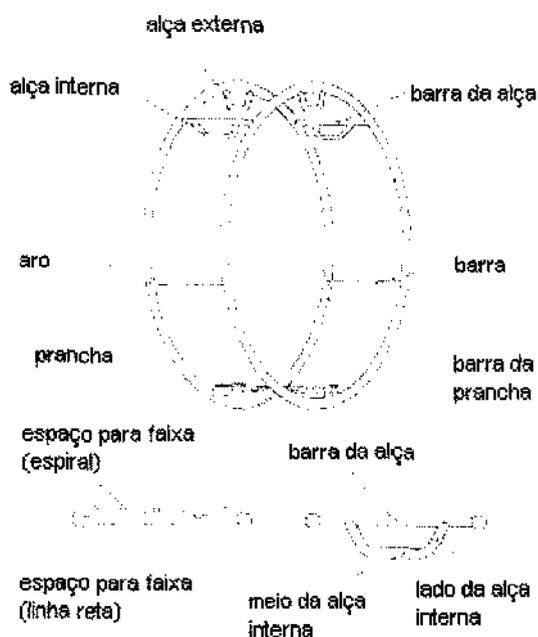


Figura 3. Faber. Estrutura da roda, 1988.

A roda consiste em dois aros tubulares de aço do mesmo tamanho, cobertos por material sintético e conectados por seis barras de aço. Duas dessas barras são lisas, duas têm pranchas de madeira presas a ela e outras duas possuem alças. Também há uma alça fixa em cada aro.

Conceitos Básicos

1. Eixo corporal

- Eixo longitudinal: passa longitudinalmente através do corpo, da cabeça aos pés
- Eixo transversal: passa através do corpo de lado a lado, exemplo: de ombro a ombro
- Eixo medial: passa através do corpo da frente para as costas

⁴ Tradução da autora. Faber, 1988.

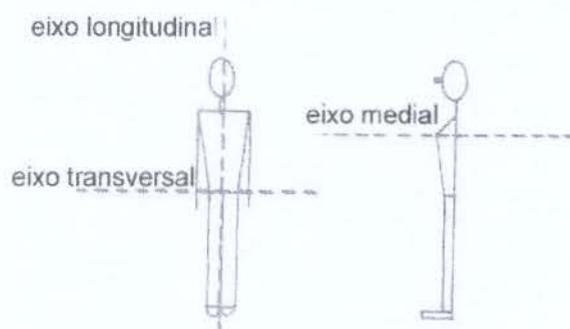


Figura 4. Faber. Eixos corporais, 1988.

2. Posição corporal relativa ao aparelho

- Posição lateral: o eixo transversal fica perpendicular às barras
- Posição reta: o eixo transversal do quadril fica paralelo às barras
- De frente: a frente do corpo fica de frente para a área de apoio
- De costas: as costas do corpo ficam de frente para a área de apoio

3. Tipos de empunhadura

- Empunhadura por cima: se os braços estiverem na lateral ou na frente, as costas das mãos deverão estar para cima. Se os braços estiverem acima da cabeça, as costas das mãos deverão estar para trás. E se os braços estiverem atrás do corpo, as costas das mãos deverão estar para baixo.



Figura 5. Empunhadura por cima. Brasil, 2002.

- Empunhadura por baixo: se os braços estiverem na lateral ou na frente, as costas das mãos deverão estar para baixo. Se os braços estiverem acima da cabeça, as costas das mãos deverão estar para frente. E se os braços estiverem atrás do corpo, as costas das mãos deverão estar para cima.



Figura 6. Empunhadura por baixo. Brasil, 2002.

- Empunhadura radial: se os braços estiverem para a frente, o radio deverá estar para cima. Se os braços estiverem acima da cabeça, o radio deverá estar para trás. E se os braços estiverem atrás do corpo, o radio deverá estar para baixo. Em uma agarra dupla, as palmas das mãos deverão ficar uma de frente para a outra.



Figura 7. Empunhadura radial. Brasil, 2002.

- Empunhadura ulnar: se os braços estiverem para a frente, a ulna deverá estar para cima. Se os braços estiverem acima da cabeça, a ulna deverá estar para trás. E se os braços estiverem atrás do corpo, a ulna deverá estar para baixo. Em uma agarra dupla, as costas das mãos deverão ficar uma de frente para a outra. A agarra da ulna deve ser executada com uma rotação interna ou externa do braço.



Figura 8. Empunhadura ulnar. Brasil, 2002.

- Empunhadura alternada: cada mão tem um diferente tipo de pegada.



Figura 9. Empunhadura alternada. Brasil, 2002.

4. Posições corporais básicas

- Em pé: o corpo está em uma posição estável em uma ou duas pernas
- Sentado: sentado e em contato com o aparelho
- Apoio: os ombros, ou a maior parte da massa corporal, estão acima do ponto de contato do corpo com o aparelho. O peso do corpo exerce pressão sobre o aparelho
- Suspensão: os ombros, ou a maior parte da massa corporal, estão abaixo do ponto de contato do corpo com o aparelho. O peso do corpo exerce uma força que puxa o aparelho

- Deitado: com a parte superior do corpo em uma posição quase horizontal, o corpo como um todo é apoiado principalmente pelo aparelho, diretamente no centro de massa

As disciplinas da roda ginástica

1. Linha reta

A roda é colocada em movimento nos dois aros. As linhas imaginárias traçadas pelos aros em contato com o solo são paralelas. O eixo imaginário da roda, assim, move-se em linha reta. A translação é imposta através da rotação ao redor do eixo da roda. O ginasta fica tanto dentro como no topo da roda e, através de transferência de peso, tem a possibilidade de diminuir ou aumentar sua velocidade.

Considerando a transferência do centro de massa corporal⁵, é importante relatar o plano vertical que passa pelo eixo da roda.

Se o centro da massa corporal é movido fora deste plano, isso resulta em aceleração, causando um movimento horizontal do eixo da roda na direção correspondente. Quanto mais o centro de massa corporal se move fora do plano, maior é a aceleração. Se o centro de massa é trazido de volta ao plano, então o eixo da roda irá cessar a aceleração. Se o centro de massa é trazido fora do plano para a direção oposta, a roda irá desacelerar. Quanto mais o centro de massa for movido na direção oposta, maior será o efeito de desaceleração na roda.



Figura 10. Camp de Roda Ginástica. Brasil, Outubro de 2002.

⁵ Região do quadril, próximo ao umbigo.



Figura 11. Aula de Roda Ginástica. Hamburgo, Alemanha, Junho de 2002.

2. Espiral

A roda é colocada em movimento em um aro. Uma trajetória mais ou menos circular é traçada pelo aro em contato com o solo. A trajetória traçada pelo centro da roda também é aproximadamente circular. Este movimento circular do centro da roda é imposto pela rotação ao redor do eixo da roda. O ginasta está dentro da roda e, através da transferência de peso, pode controlar seu movimento.

Como em linha reta, é importante considerar o movimento do centro de massa corporal fora do plano vertical do eixo da roda, causando uma aceleração ou uma desaceleração. A aceleração aumenta a velocidade de rolamento. O correspondente aumento da força centrífuga causa um aumento da trajetória circular traçada pela roda e um aumento do ângulo de inclinação.

Este ângulo é determinado pelo centro de massa de todo o sistema (ginasta + roda). Uma linha de conexão entre o centro de massa e o constante ponto de troca de contato da roda com o solo determina o ângulo de inclinação.

Como a perda de momento através da força friccional é maior em espiral do que em linha reta, é preciso uma pequena quantidade de aceleração para que a roda mantenha uma trajetória circular regular.

Mais força é necessária no espiral pequeno. Alternando forças de puxar a roda para cima e pressioná-la para baixo em diversos pontos, um momento extra é dado, o que pode também manter sob controle a desaceleração friccional da roda, ou pode ajudar a acelerar a roda novamente para trazê-la de volta para a posição inicial. No espiral grande, o diâmetro da trajetória circular traçado no solo é maior que o diâmetro da roda, e o ângulo de inclinação do sistema é maior que 60° . No espiral pequeno, o diâmetro da trajetória traçado é menor que o diâmetro da roda, e o ângulo é menor que 30° .



Figura 12. Camp de Roda Ginástica. Valencia, Espanha, Julho de 2002.



Figura 13. Aula de Roda Ginástica. Wuppertal, Alemanha, Julho de 2002.

3. Salto

A roda é colocada em movimento (nos dois aros) pelo ginasta. O salto é realizado com um corrida/subida na roda.

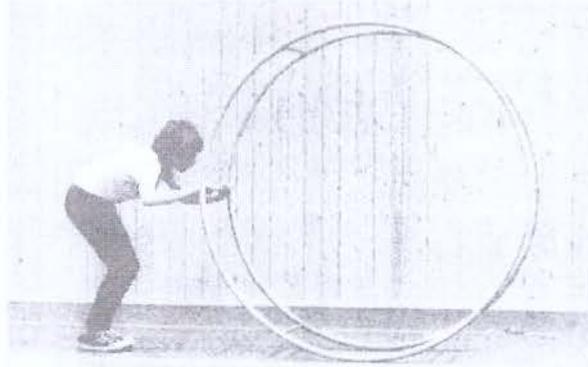


Figura 14. Schulz e Sieler, 1982.

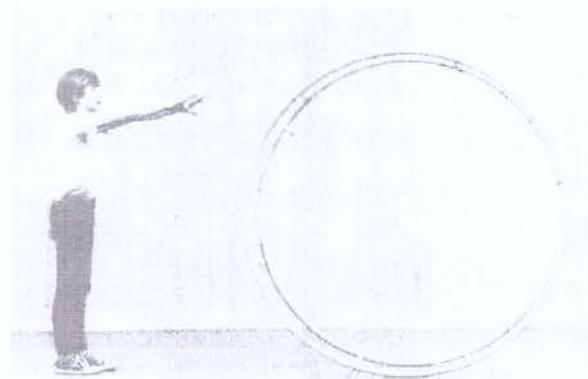


Figura 15. Schulz e Sieler, 1982.

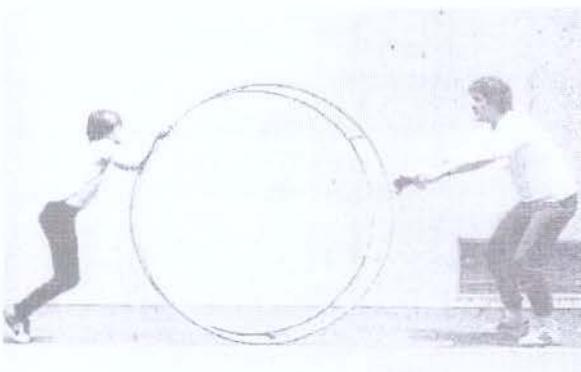


Figura 16. Schulz e Sieler, 1982.

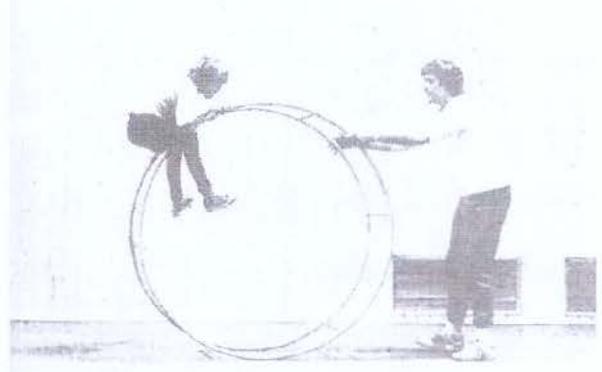


Figura 17. Schulz e Sieler, 1982.

Categorias de elemento

1. Categorias básicas

Tendo em vista as similaridades entre os elementos (quanto ao posicionamento em relação ao aparelho, forma corporal ou técnica de movimento), as seguintes categorias são apresentadas:

- Elementos Centralizados

O centro de massa corporal fica principalmente no centro da roda durante a execução do elemento, e os pontos de contato entre o ginasta e a roda estão a uma distância significativa um do outro.



Figura 18. Camp de Roda Ginástica. Brasil, Outubro de 2002.

- Elementos Descentralizados

Durante o elemento, o ginasta fica principalmente na borda da roda, e os pontos de contato entre o ginasta e a roda são perto um do outro. Elementos descentralizados em uma fase alta e uma baixa. Na fase alta, a maior parte da massa corporal está acima da linha horizontal imaginária que passa pelo centro da roda, enquanto na fase baixa a maior parte da massa corporal está abaixo desta linha.

Mais precisamente definido, os limites entre a fase alta e baixa são mostrados na figura abaixo:

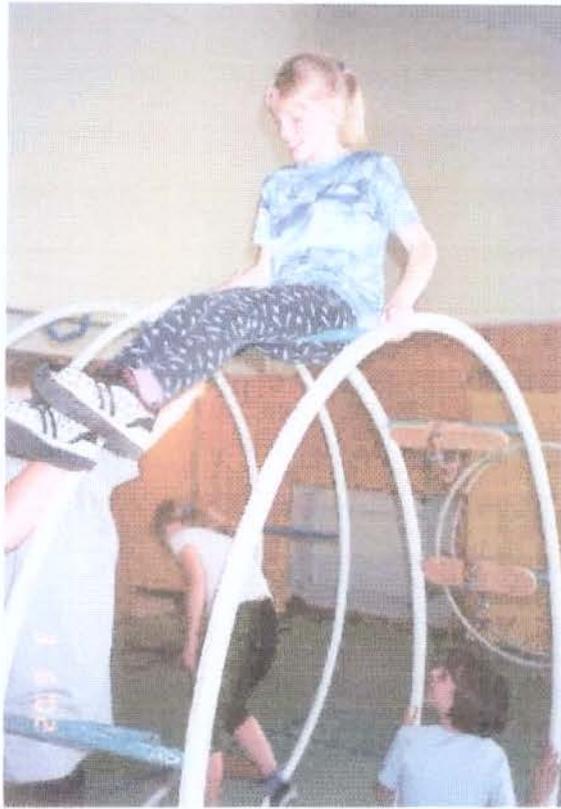


Figura 19. Aula de roda ginástica. Hamburgo, Alemanha, Junho de 2002.

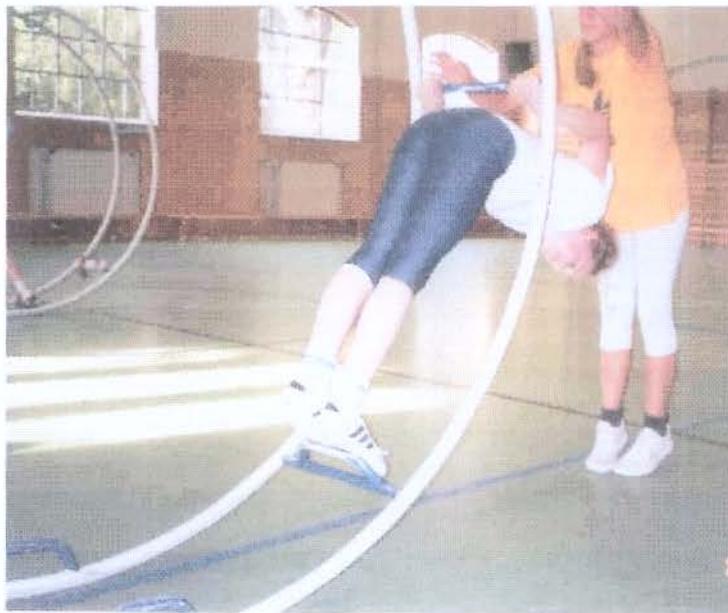


Figura 20. Aula de roda ginástica. Hamburgo, Alemanha, Junho de 2002.

2. Movimentos

- movimentos na disciplina linha reta

No caso de elementos centralizados, o movimento é executado com uma rotação da roda. Há uma distinção feita entre elementos individuais, que são executados durante um curso de completa rotação, e elementos combinados, que envolvem a execução consecutiva de diversos elementos (também em uma rotação) com uma troca de posição quando invertido. Ambos são exemplos de movimentos.

No caso de elementos descentralizados, o movimento consiste em uma fase alta e em uma fase baixa que se seguem imediatamente uma após outra. A roda deve completar no mínimo $\frac{3}{4}$ de rotação completa.

- movimentos na disciplina espiral

No espiral grande o movimento é executado com duas rotações da roda. Há uma distinção feita entre elementos individuais que precisam de duas rotações para serem executados e elementos combinados que envolvem a execução consecutiva de diversos elementos (também durante duas rotações) com a troca de posição tanto na posição reta quanto na invertida. Ambos são exemplos de movimentos.

No espiral pequeno, o movimento tem a duração de 3 a 5 segundos.

3. Entrada no aparelho

A entrada no aparelho consiste na aproximação da roda, subida e a segurança das faixas de pé.

4. Transições

Transições são as ligações entre os elementos e incluem:

- início do movimento
- em pé, troca de posição conectando dois movimentos
- troca de posição com uma combinação de elemento
- troca de direção

As seguintes transições podem ser usadas para espiral:

- inclinação da roda (no início da rotina)
- inclinação da roda (durante a rotina)
- transição do grande para o pequeno espiral
- transição do pequeno para o grande espiral
- transição do espiral para o estendido
- transição do espiral para o deitado (no solo)
- mudança de direção

5. Saída

A saída é o meio de deixar o aparelho através de uma fase de vôo seguida de posição estendida fora da roda.

6. Rotinas

A rotina é a sequência de movimentos ligados pelas transições e finalizados pela saída.

Como se descreve um elemento

Método utilizado para descrever elementos:

- posição de braço
- o braço de apoio será indicado quando necessário.
- descrição básica dos elementos
- direção do movimento do ginasta

Em um posição reta, o ginasta é movido para frente (para trás) se a frente (trás) da parte superior do corpo mover-se primeiro na direção do rolamento. No caso dos elementos descentralizados, se a rotação do ginasta sobre o eixo transversal do corpo estiver contra a direção de rolamento, então acontece o seguinte: para frente (trás) contra a direção de rolamento significa: a frente superior do corpo (trás) se move primeiro e na mesma direção da rotação do ginasta, enquanto a roda se move para trás (frente) em direção oposta.

Movimentos na posição lateral são executados tanto para a direita quanto para a esquerda.

- área de apoio dos pés

As indicações como frente ou trás em relação às bordas, barras, barras de alça, alça interna, alça externa ou aro são determinadas pela posição do ginasta na roda e não pela direção de rolamento da roda. Em casos ambíguos, como quando duas barras do mesmo tipo estão tanto atrás ou na frente do ginasta, a distinção é feita entre barra "mais alta" e barra "mais baixa".

- posição das pernas

A direção do movimento da perna é descrita em relação à parte superior do corpo. Há uma distinção feita entre movimentos de frente, de costas, de lado ou cruzado. No caso de um movimento de pernas cruzadas, a perna que se movimenta é cruzada em frente à perna de apoio. Quando se descreve elementos envolvendo movimentos de perna de uma parte da roda para outra, a área de apoio é dada primeiro, então o tipo de movimento da perna é fornecido, seguido da descrição de onde a perna deveria ser colocada.

- tipo de empunhadura
- área de apoio das mãos
- com ou sem faixa
- direção de inclinação da roda (só no espiral)

A direção de inclinação deve ser descrita como "para frente" ou "para trás". No espiral de frente os hálux (dedões) do ginasta ficam mais próximos do solo que os calcanhares. Exceção é o caso do espiral em "espacato", quando o calcanhar do pé da frente fica mais próximo do solo que o hálux. Se os pés estiverem paralelos no aro de rolamento, então o peito do ginasta fica mais próximo do solo do que as costas. No espiral de costas, a descrição acima deve ser invertida.

Estrutura do Campeonato Mundial segundo a Associação Internacional de Roda Ginástica:

Junior (meninos e meninas): 14 - 18 anos

Sênior (homens e mulheres): 19 -

Categorias:

Individual

Equipe

Disciplinas:

Linha-reta área de competição = 3m x 23m; zona de segurança = 9m x 27m

Espiral área de competição = 13m x 13m; zona de segurança = 18m x 18m

Salto área de competição = 3m x 23m; zona de segurança = 3m x 23m

Junior

Meninas: linha-reta, espiral e salto

Meninos: linha-reta, espiral e salto

Sênior

Mulheres: linha-reta com música, espiral e salto

Homens: linha-reta com música, espiral e salto

Cada país pode inscrever, no mínimo, seis ginastas em uma determinada disciplina escolhida, quatro ginastas na segunda e terceira disciplina.

A pontuação mínima para a final é:

Linha-reta: 65% 6.50 pontos

Espiral: 50% 5.00 pontos

Salto: 65% 6.50 pontos

Os oito melhores ginastas de cada disciplina vão para a final. Apenas os dois melhores ginastas de cada país podem ir para a final.

III - Técnica de aprendizagem básica⁶

Elementos em linha reta

Princípios Gerais de Posição Corporal

1. a cabeça é mantida em posição linear como extensão da coluna. O olhar fixo do ginasta fica perpendicular ao eixo dos ombros.
2. na posição reta, os braços livres são mantidos elevados e para os lados. Eles devem formar um plano com o corpo do ginasta. Os cotovelos devem ficar entre a altura dos ombros e o nível dos olhos. As mãos são fechadas e formam uma extensão linear com os braços. Os dedos são estendidos e os dedões ao seu lado. Na posição "em pé", as palmas das mãos apontam para o solo. Na posição lateral, os braços livres ficam apoiados no quadril, na frente do corpo. As mão formam uma extensão linear com o ante-braço. Os cotovelos ficam alinhados com a frente do corpo, as mãos são fechadas, dedos estendidos, hálux apoiados na lateral do osso do quadril e separados dos outros dedos.
3. na posição lateral, o pé da faixa é virado de forma que o hálux fique fora do canto externo da prancha. O pé é então apontado contra a prancha para que a faixa fique apertada. Em posição reta, o pé da faixa aponta para frente. O hálux do pé da frente é apontado para fora do canto externo da prancha, enquanto o hálux do pé de trás é apontado para fora do canto interno da prancha.
4. se os elementos com uma faixa são executados em posição reta, o pé livre é colocado perto do pé com a faixa. Em posição lateral, o canto interno do pé livre é colocado formando um ângulo reto com o pé da faixa.
5. quando um ou dois pés estiverem fora das faixas, o seguinte é necessário: qualquer parte do pé pode ser usada para apoio (a sola, os hálux).
6. em geral, braços, pernas e quadril são estendidos.

Elementos Centralizados

1. Elementos básicos

- rotação lateral
- apoio frontal
- rotação em parafuso

⁶ Tradução da autora. Faber, 1988.

2. Pontes

Todas as pontes em linha reta são executadas em posição reta. O corpo é curvado. Quadril, braços e a perna de trás (ou as duas pernas) são estendidos. A cabeça fica entre os braços; próxima ao braço de apoio na ponte com um braço só; ou perto do braço traseiro na ponte em parafuso.

- ponte aumentada
- ponte baixa
- ponte em parafuso
- ponte gigante
- ponte em "espacato"
- outras pontes sem faixas de pé

3. Elementos de vôo livre

Após iniciado o movimento, a posição de corpo estendido é mantida enquanto o peso é transferido para o pé que está na direção do rolamento. Esse pé exerce pressão na prancha da direção de rolamento, enquanto o segundo pé puxa fortemente a outra prancha. Logo que a primeira barra de alça estiver em contato com o solo, o peso do corpo é transferido para o outro pé e o efeito da puxada é realizado pelo pé oposto. Durante a transferência de peso, deve haver apenas uma pequena movimentação de pêndulo do corpo (o que deve acontecer apenas quando as alças externas estiverem em contato com o solo).

- vôo livre lateral
- vôo livre

4. Combinação de elementos

- sem rotação no eixo longitudinal
- com um quarto de giro
- com meio giro
- com múltiplos giros

Elementos Descentralizados

1. Elementos descentralizados em fase alta

- rolamentos

O movimento de rolamento é caracterizado pela rotação do corpo ao redor do seu eixo transversal.

- círculos para cima, baixo, frente e trás

Os círculos normalmente envolvem o uso da barra como eixo de rotação. Em um círculo para cima, a posição inicial do centro de massa corporal é mais baixa

que a posição final. Em um círculo para baixo, a posição inicial do centro de massa corporal é mais alta que a posição final. No círculo para frente ou para trás, a posição inicial do centro de massa corporal é no mesmo nível que a posição final.

- balanceamento de pernas
- elementos estáticos

2. Elementos descentralizados em fase baixa

A fase baixa dos elementos descentralizados consiste em várias posições corporais de balanceamento. A maioria do peso do corpo é concentrada em um ponto (ou dois pontos muito juntos) da roda. Dessa forma pode ser realizado um alto nível de balanceamento.

- em pé
- sentado
- deitado
- apoio de braço

Elementos em espiral

Princípios Gerais de Posição Corporal

Os princípios gerais para posição corporal dos elementos em linha reta também se aplicam aqui, com os seguintes complementos:

Para o item 3. Posicionamento dos pés

3. No espiral com faixa nos pés, o ginasta deve colocar os hálux no aro. Os pés não ficam virados para fora do canto da prancha e estendidos como nos elementos em linha reta. Para o espiral de costas, os pés do ginasta devem estar flexionados de forma que os hálux sejam puxados o mais alto possível para cima e apenas os calcanhares fiquem em contato com as pranchas.

Continuação após o item 6.

7. Técnica de posicionamento corporal no espiral grande: as diferentes fases de movimento (apoiado, pendurado, empurrando) são as mesmas que em linha reta. Entretanto, elas ocorrem duas vezes em cada movimento porque no espiral grande o elemento é considerado com duas rotações da roda. Para um elemento na posição reta, com um braço, o braço mais perto do solo é responsável pela agarra. No espiral de frente, com faixas, a posição do corpo é entre o meio da roda e o plano do aro em rolamento. No espiral de frente sem faixas, o corpo deve ficar entre os planos dos aros. Em posição

invertida, os dois braços ficam estendidos por um tempo, assim como o eixo dos ombros fica alinhado com o plano do aro em contato com o solo. No espiral de costas, com faixas, a parte superior do corpo fica no meio da roda ligeiramente inclinado. O quadril deverá ficar o mais estendido possível.

8. Técnica de posicionamento corporal no espiral pequeno: todos os elementos do espiral pequenos são executados na posição lateral. A maioria das agarras é radial e nas alças internas; ou por cima no aro superior, entre as alças internas e externas. Não existe combinação de elementos no espiral pequeno, pois toda posição deve ser demonstrada entre 3 e 5 segundos para poder valer como movimento. Levando em consideração o baixo ângulo da roda no espiral pequeno, a transição de um movimento para outro deve acontecer durante uma completa rotação da roda.

Elementos Centralizados

1. Espiral grande

- elementos básicos
- pontes
- vôo livre
- combinação de elementos

2. Espiral pequeno

- posição lateral, apoio frontal
- posição lateral, ponte baixa

Elementos Descentralizados

1. Espiral grande

2. Espiral pequeno

Elementos de salto e saídas

Existem três tipos de salto

1. salto afastado ou grupado
2. saída em salto
3. balanceamento por cima

A maioria dos saltos é realizada para frente.

Fases do salto

1. dar velocidade à roda
2. pausa
3. corrida na direção da roda
4. subida / decolagem
5. fase de pouso
6. colocar as coxas, quadril ou pés na roda
7. apoiar, ficar em pé, sentar ou deitar na roda
8. impulsionar a roda com as mãos ou os pés
9. fase de vôo
10. aterrissagem

IV - Experiências vividas

No Brasil

Novidade⁷! A roda ginástica era uma novidade entre nós e, como toda novidade, chama a atenção de muitas pessoas. Algumas se contentam com o olhar, outras se arriscam a experimentar. Para muitas a vivência basta. Mas para uma minoria, a experimentação foi só o início de uma história neste esporte. A Faculdade de Educação Física da UNICAMP comprou duas rodas alemãs e algumas pessoas deram sequência a aquilo que haviam aprendido com o grupo alemão no Brasil. Como precisavam treinar em conjunto para fazerem proteções umas as outras, logo formaram um grupo de interesse. O Grupo de Roda Ginástica da UNICAMP, do qual faço parte.

A história deste grupo é bem recente, já que em setembro fez um ano, mas cheia de experiências. É um grupo, composto por oito estudantes de Educação Física da UNICAMP, que mantêm um diálogo muito intenso, na tentativa de manter um relacionamento e funcionamento de qualidade. Um trabalho árduo e às vezes cansativo. No princípio, só sabíamos que éramos muito atraídos pela roda, mas nossos objetivos e linha de trabalho ainda eram uma incógnita. Ninguém estava à frente do grupo e todos se ajudavam, davam idéias... e assim o tempo passou.

A primeira coreografia criada foi "Forró", combinando elementos em linha reta e música típica brasileira. Ao mesmo tempo surgiu o "Espiral" com a combinação de elementos em linha reta e em espiral na roda. Nestes dois primeiros trabalhos coreográficos apresentados, preocupamo-nos mais em encontrar uma música que combinasse com a sequência de elementos técnicos que (re)criamos. Então veio, em segundo plano, a preocupação com certos gestos durante os exercícios e o figurino. Apresentamos estes trabalhos, muito aplaudidos, algumas vezes... Até começarem a surgir comentários contra estas montagens coreográficas por parte dos integrantes do grupo.

Eu já não gostava de apresentar aquelas coreografias, daquela forma. Algo me incomodava e percebi que era a apresentação de elementos técnicos desvinculados de um trabalho com expressão corporal. Aquilo era uma ofensa aos meus olhos. Não via sentido em simplesmente mostrar um exercício. Eu

⁷ Sabe-se da existência de rodas no Brasil em 1938.

queria mais... ou melhor, nós queríamos mais, porque esta era uma inquietação geral do grupo. Fomos convidados a participar de um espetáculo, apresentado no SESC Campinas, quando descobrimos ser possível mostrar o trabalho da roda ginástica artisticamente, transmitindo algo ao público. Percebemos que queríamos e gostávamos de pensar na expressão corporal para então adequar os exercícios nas rodas a isto. Decididos a seguir esta linha de trabalho, os integrantes do grupo criaram o "Surto".

Mas este novo desafio exigiu-nos horas e horas de dedicação, exercícios de concentração, trabalho com imagens, improvisação. Existiam várias idéias e imagens, que fomos selecionando para dar corpo ao trabalho. Assim, nesta composição, a roda é tida como campo libertador do inconsciente das personagens. Tendo como base o filme "O Bicho de Sete Cabeças" de Laís Bodanzky e a trilha sonora de André Abujamra e canções de Arnaldo Antunes, estruturamos uma cena e suas personagens. "Surto".

Algo mais nos inquietava. Era a falta de uma coreografia alegre e descontraída, que pudesse ser apresentada ao público infantil e com a mesma qualidade do "Surto". Foi então que surgiu o "Dois para Sete", satirizando fatos reais de treino do grupo na situação de apenas duas rodas para todos, em um clima de cinema mudo.

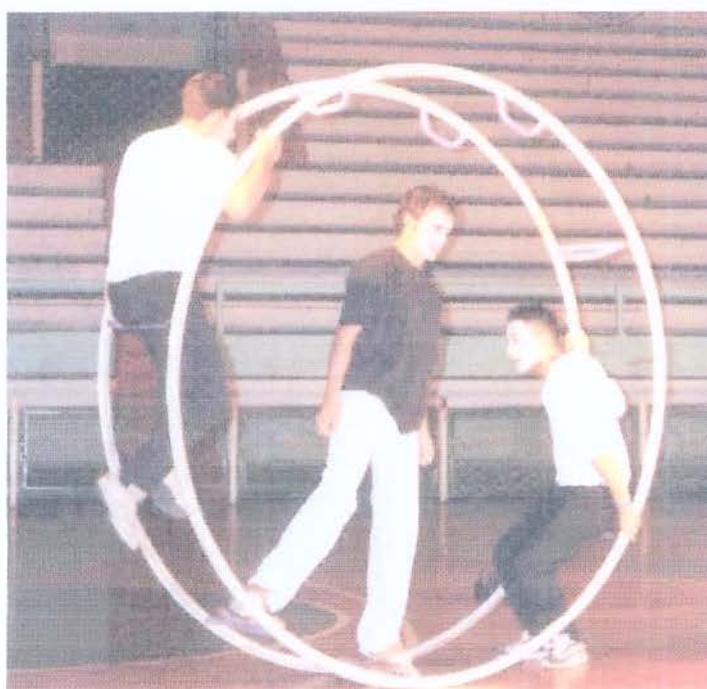


Figura 21. Cena da coreografia "Dois para Sete". Grupo de Roda Ginástica da UNICAMP, 2002.



Figura 22. *Cena na Roda*, 2002.

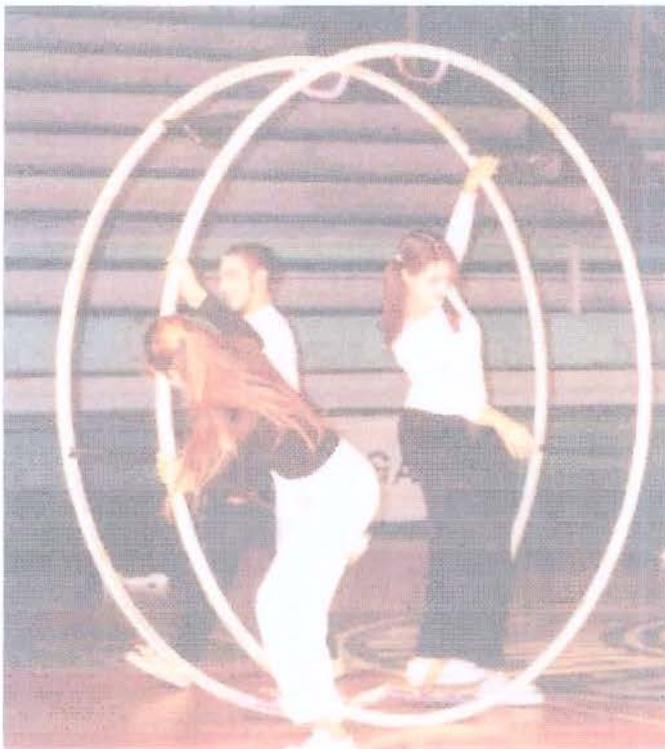


Figura 23. *Cena* da coreografia "*Dois para Sete*". Grupo de Roda Ginástica da UNICAMP, 2002.

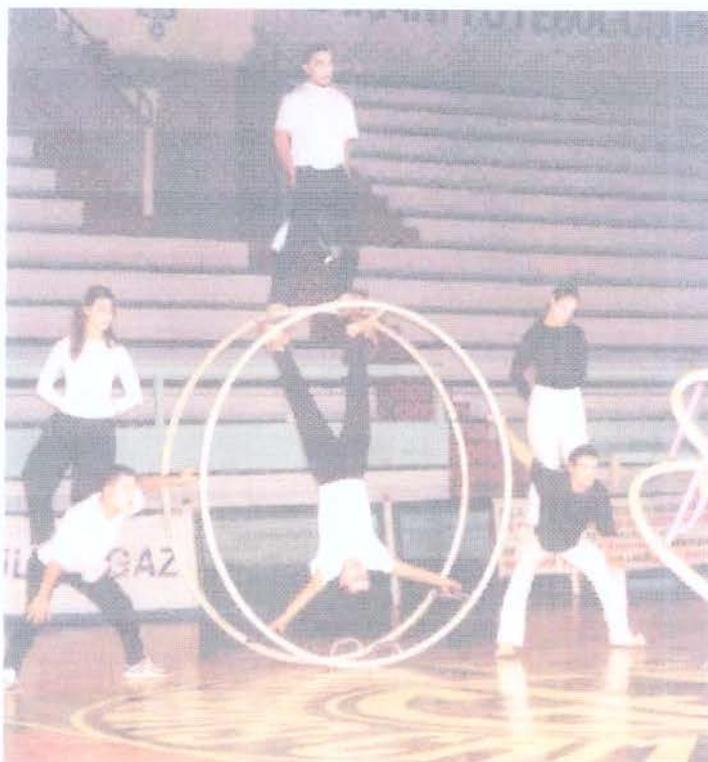


Figura 24. Cena da coreografia "Dois para Sete". Grupo de Roda Ginástica da UNICAMP, 2002.



Figura 25. Cena da coreografia "Surto". Grupo de Roda Ginástica da UNICAMP, 2002.

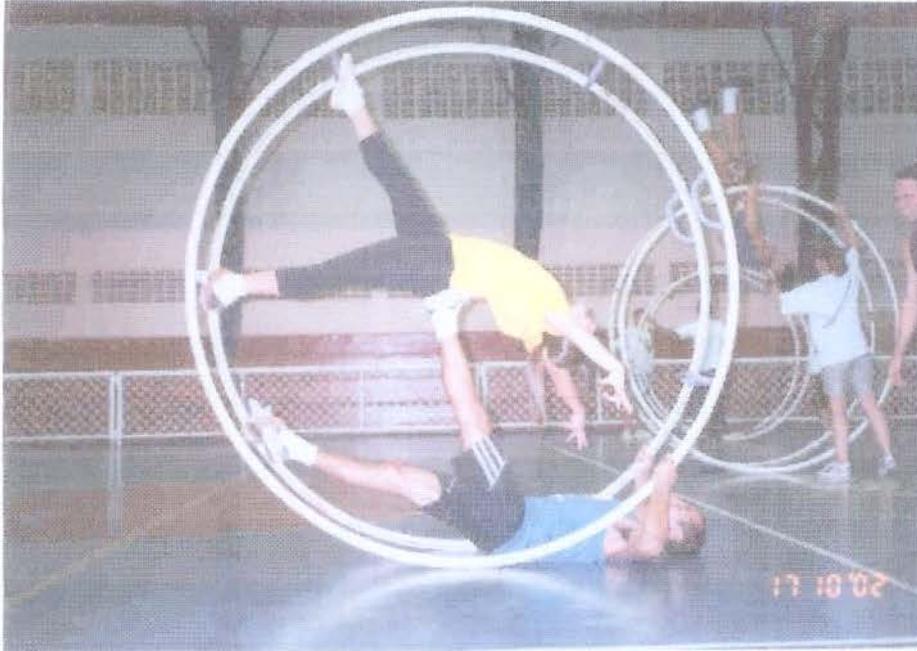


Figura 26. Camp de Roda Ginástica Brasil 2002.



Figura 27. Camp de Roda Ginástica Brasil 2002.

Na Europa

Junho e Julho de 2002, já estava tudo planejado. Foi tudo muito rápido, os dias passavam voando em meio a tantas coisas novas que via e aprendia. Algumas pessoas eu já conhecia, mas outras tantas passaram por mim. Estou falando daquelas que marcaram por serem incríveis, especiais! Pessoas que não apenas acreditaram em mim, no meu sonho, mas ajudaram a realizá-lo. Colocaram-me dentro de suas casas, de suas vidas e me ofereceram uma infinidade de conhecimento. Fazer o que... o jeito foi aproveitar!

Durante minha permanência na Europa, dividi o tempo entre a experiência com técnicos em Hamburgo, Bremen, Colônia e Wuppertal, na Alemanha e no Camp Internacional de Treinamento de Roda Ginástica em Valência, na Espanha. Assim, pude fazer um registro fotográfico e em caderno de campo de tudo o que era diferente, que me intrigava ou interessava. Sempre observando a metodologia de ensino nas aulas de roda, a postura dos professores e alunos. As conversas informais foram os momentos em que ouvi várias histórias sobre este esporte. Para completar, coletei algumas imagens (fotos e vídeo) e textos que, de alguma forma, aparecem para enriquecer o trabalho.

Neste momento, coloco aqui alguns pontos desta experiência que me despertaram a atenção e mais à frente os discuto através do meu olhar.

Quando a roda foi criada, as pessoas foram descobrindo suas possibilidades de movimento interativo através de explorações em forma de brincadeira. Sigrun Leisner, técnica e vice-presidente de Associação Internacional de Roda Ginástica, diz que "logo começaram competições para ver quem descia o barranco mais rápido com a roda", alegando que as pessoas são "naturalmente" competitivas. Esta é a explicação para uma brincadeira que foi institucionalizada e tornou-se um esporte competitivo.

A Associação Internacional de Roda Ginástica (IRV) tem o interesse em difundir o esporte nacional e internacionalmente, a fim de ter maior número de praticantes associados e, se possível, de diferentes países participando de seus campeonatos. Leisner adiciona que, na medida do possível, a associação internacional tenta ajudar também os ginastas e grupos que praticam a roda

ginástica para demonstração. "É uma boa relação pública para difundir o esporte".

Sendo assim, o objetivo principal do ensino da roda ginástica na Alemanha é o desenvolvimento da técnica para a participação de ginastas em futuras competições. De acordo com o depoimento de Leisner, "Na maioria das vezes a roda ginástica é ensinada em clubes com fins competitivos. Mas alguns grupos praticam apenas por lazer ou para demonstração".

As turmas de rhönrادتورن - denominação alemã para roda ginástica - além de participarem de competições para todas as faixas etárias, também fazem mini-festivais e apresentam coreografias. Assim, quando um aluno não apresenta interesses competitivos, integra o grupo nos momentos de apresentação. Importante salientar que não verifiquei a participação de alunos em criações coreográficas. Na maioria das vezes é apenas o professor ou os professores que imaginam uma montagem e transmitem aos alunos. Uma das professoras disse que "it would be too much for them".

Quando a turma de alunos é de crianças muito pequenas (5 - 7 anos), a aula consiste basicamente em brincadeiras na roda, com vivência e exploração de diversas formas de movimento. Neste caso, usam também outros materiais como colchões "gordos" dentro da roda, lonas elásticas amarradas em uma das faces da roda, meia roda fixa no solo, barras e argolas.

Foi verificado que não há uma qualificação artística, uma preocupação com a expressão corporal nas aulas de roda ginástica. Há o ensino de posturas rígidas (posicionamento de braços), cobrados nas séries obrigatórias de competições. Mas qual a importância disso? Quando os ginastas de roda têm de apresentar uma série livre, com música, a dificuldade de expressão corporal apresentada é enorme. Como não se trabalha isto em aula, a solução que encontram é o professor transmitir um gesto para o aluno "copiar" e executar no momento do exercício. Tratando de seres humanos e não de máquinas, o que fazem é tentar aproximar o máximo que podem, à sua maneira, seu gesto ao gesto emitido como modelo.

Seria esta a metodologia mais adequada de se ensinar roda ginástica? De acordo com os objetivos da associação internacional, a metodologia usada pelos clubes apresenta-se bem coerente. O que vejo de incoerente é a metodologia

desta modalidade ginástica em relação ao respeito com os alunos. Alunos estes, de todas as idades, muitas vezes sem (in)formação e experiências suficientes para pensar e decidir se a metodologia a eles aplicada é coerente com seus valores. Deparam-se com o ensino de técnicas sistematizadas, que apenas possibilitam a re-criação de alguns movimentos.

Rubem Alves (2002, p. 97) diz "... amo muito a ciência. Quero que os pescadores continuem a pescar e a preparar os peixes deliciosos que eles pescam no rio da realidade. Mas quero que os pescadores sejam capazes também de ouvir o canto do sabiá que nenhuma rede pode pegar. Por vezes, o canto do sabiá é mais importante que um peixe que se pesca. Ou, para quem não entende: por vezes um poema, uma sonata, um quadro são mais importantes para a vida e a alegria que artefatos de saber e tecnologia. Precisamos dos dois: do conhecimento e da beleza. Mas a beleza não é científica". Espero que, em alguns momentos ao menos, estes técnicos e professores desviem seus olhares desta ciência e sensibilizem-se com outras coisas da vida, o belo. Quem sabe assim, emanem vontades de compartilhar sensibilidade com seus alunos.

Acidentes e machucados foram por mim presenciados em várias aulas de roda ginástica. Pensando nisso, escrevi um manual de normas de segurança para o uso das rodas e disponibilizei no anexo.

Final da viagem. Foi tudo muito positivo para meu aprendizado e entre as experiências que trouxe estão a técnica de ensino/aprendizagem de exercícios na roda e olhares mais compreensivos sobre uma outra cultura.

Outubro de 2002. Dois meses e meio depois de voltar da Alemanha, vieram duas técnicas alemãs de roda ginástica para o Camp de Treinamento de Roda Ginástica organizado na parceria entre UNICAMP, Instituto Adventista de São Paulo (IASP) e o Internacional Sport and Cultural Association. O evento contou com a participação dos oito integrantes do grupo de roda ginástica da UNICAMP e cinco integrantes do grupo do IASP. Foram cinco dias de treinamento intensivo (manhã, tarde e noite) e um dia de vivências abertas, com a participação de dezenove pessoas. A avaliação do evento foi muito positiva, todos aprenderam novos elementos técnicos e houve um desenvolvimento muito rápido segundo as técnicas Sigrun Leisner e Sabine Nickel. Para encerrar, tivemos um festival com a apresentação de grupos

convidados e dos participantes do camp, em uma coreografia utilizando os elementos técnicos aprendidos.

Sonhei. E ainda sonho... Experiência fruto de uma história de vida que ainda tem muito a sonhar. Sonhos que consumo como fonte de energia e são capazes de impulsionar-me a viver.



Figura 28. Camp de roda ginástica. Valencia, Espanha, Julho de 2002.



Figura 29. Camp de roda ginástica. Valencia, Espanha, Julho de 2002.



Figura 30. Aula de roda ginástica. Hamburgo, Alemanha, Junho de 2002.



Figura 31. Aula de roda ginástica. Hamburgo, Alemanha, Junho de 2002.



Figura 32. Aula de roda ginástica. Hamburgo, Alemanha, Junho de 2002.

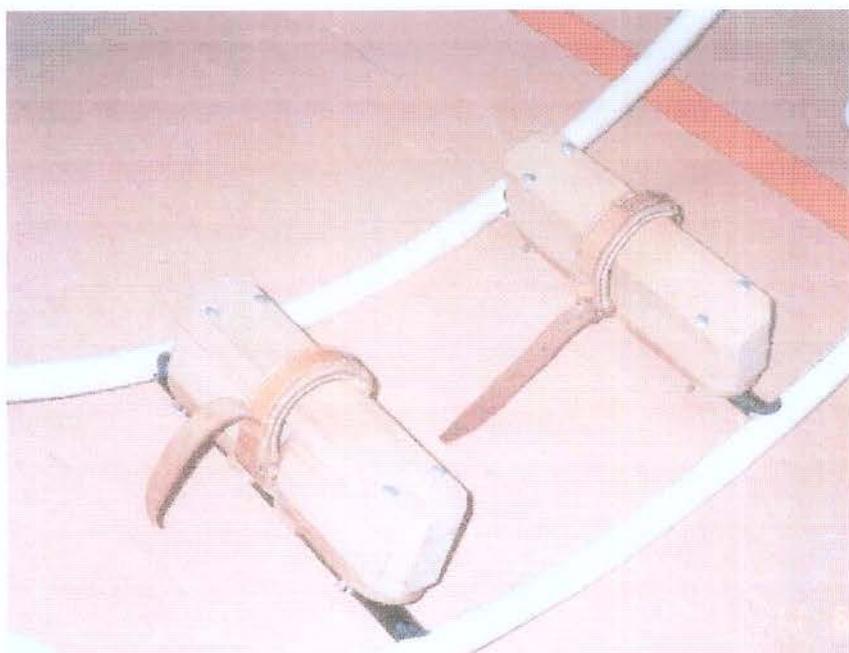


Figura 33. Aula de roda ginástica. Hamburgo, Alemanha, Junho de 2002.



Figura 34. Aula de roda ginástica. Hamburgo, Alemanha, Junho de 2002.

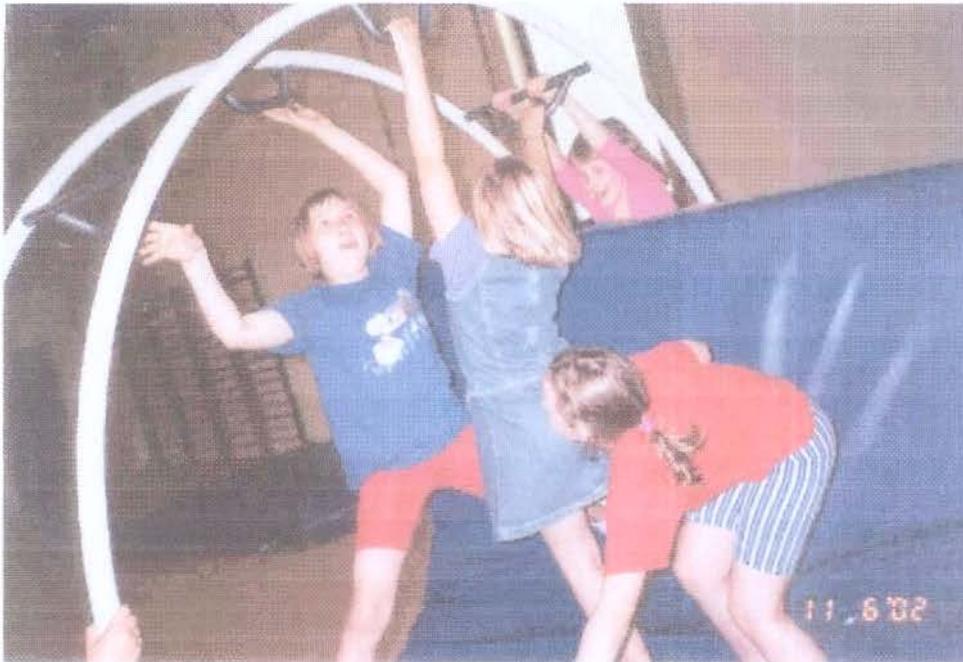


Figura 35. Aula de roda ginástica. Hamburgo, Alemanha, Junho de 2002.



Figura 36. Aula de roda ginástica. Hamburgo, Alemanha, Junho de 2002.

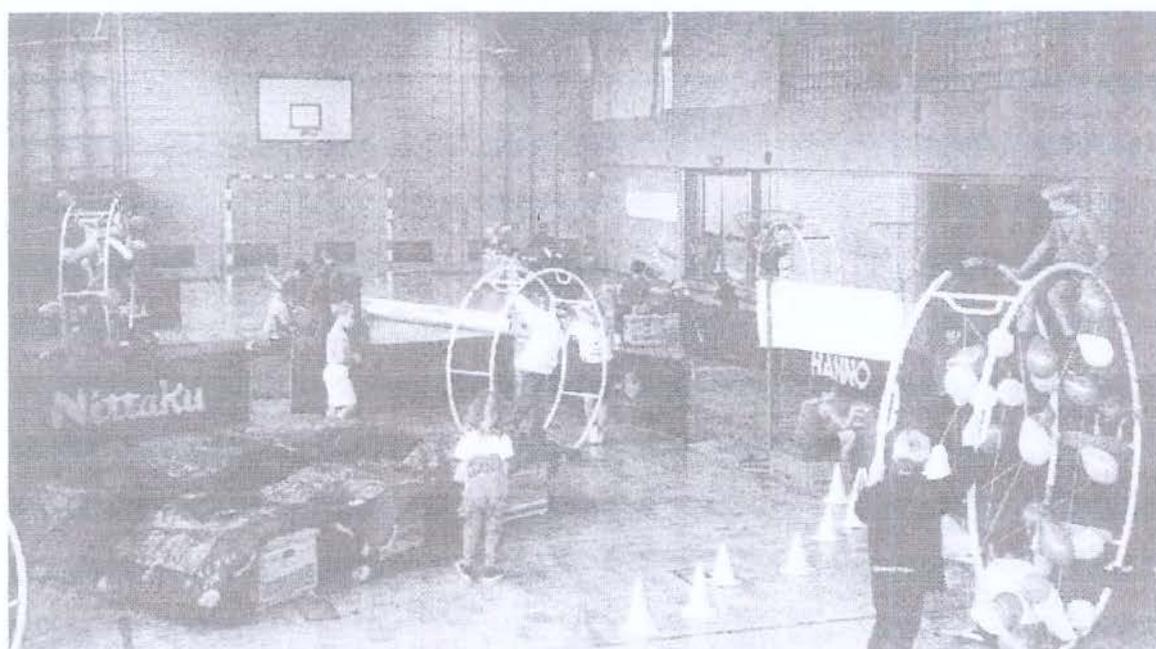


Figura 37. Homeyer, 1999.



Figura 38. Faber, 1988.



Figura 39. Faber, 1988.

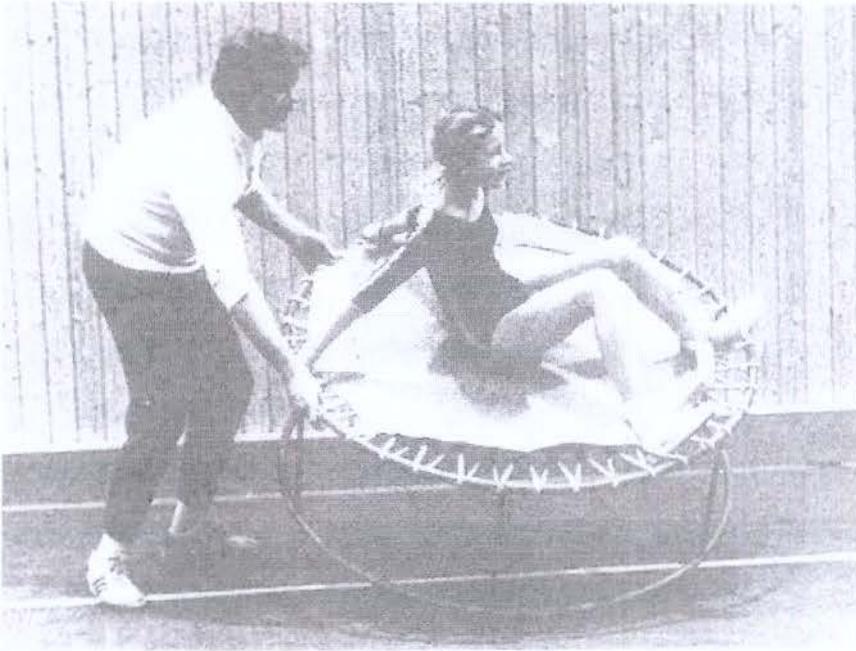


Figura 40. Faber, 1988.



Figura 41. Faber, 1988.



Figura 42. Faber, 1988.

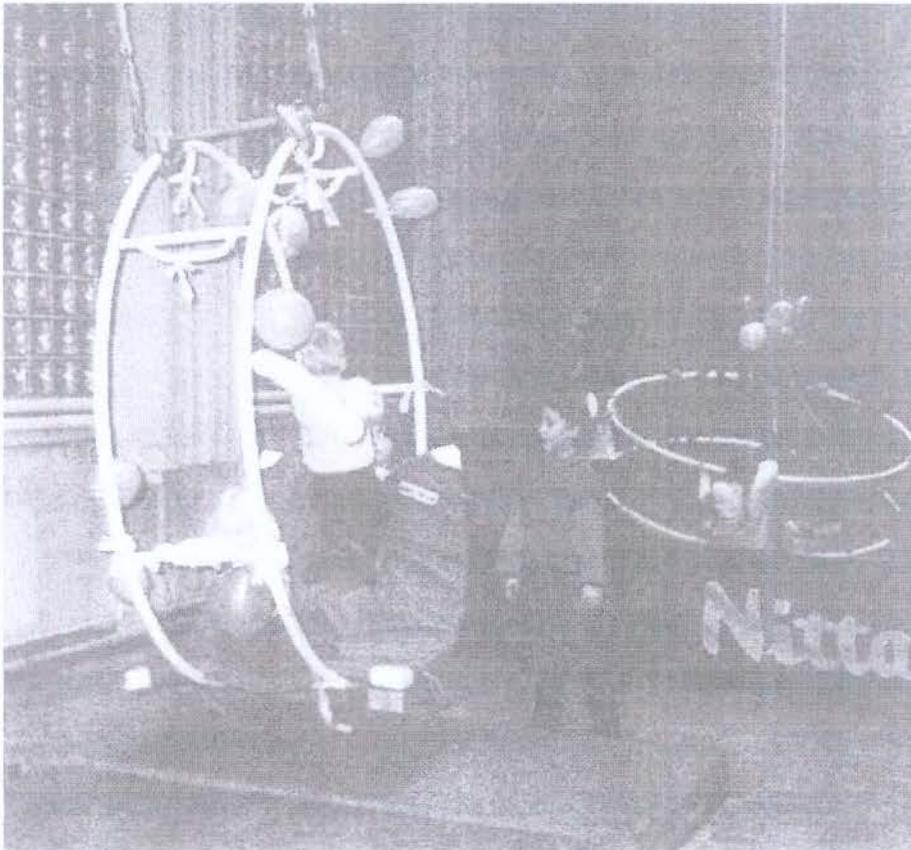


Figura 43. Homeyer, 1999.

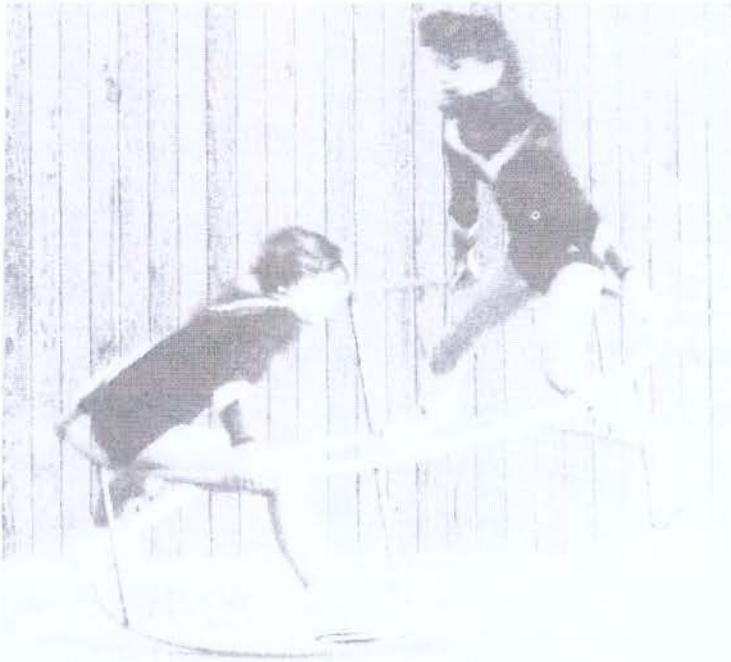


Figura 44. Faber, 1988.

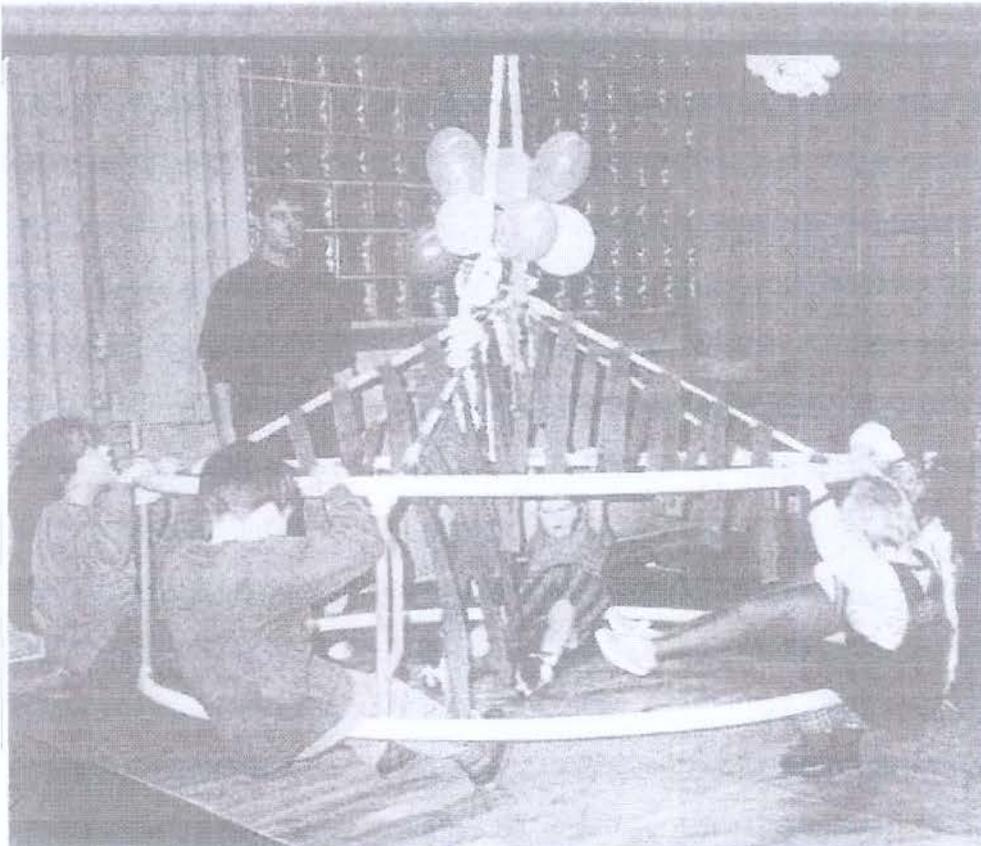


Figura 45. Homeyer, 1999.

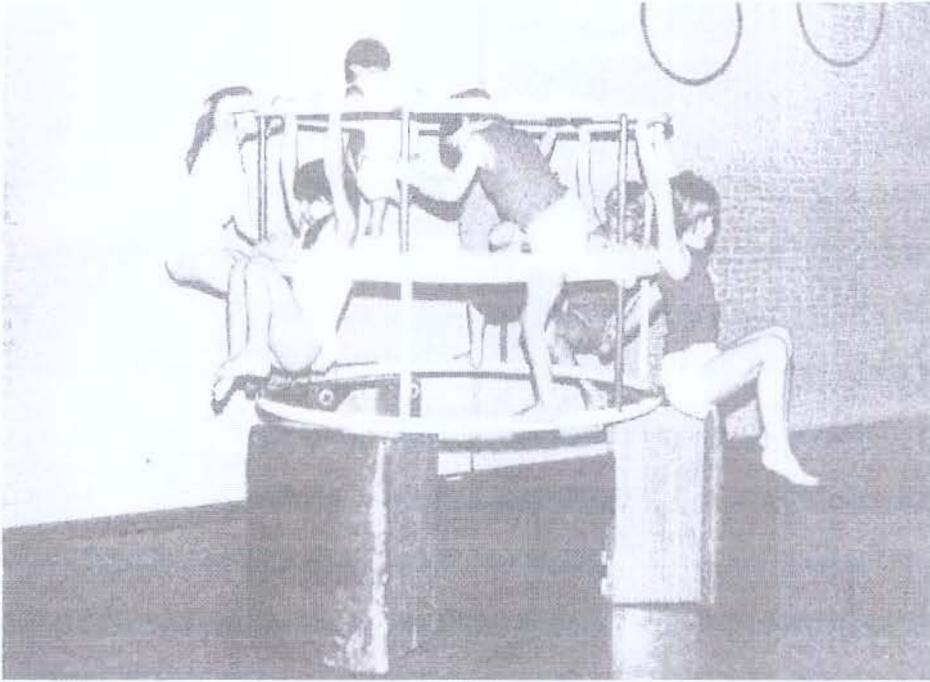


Figura 46. Faber, 1988.

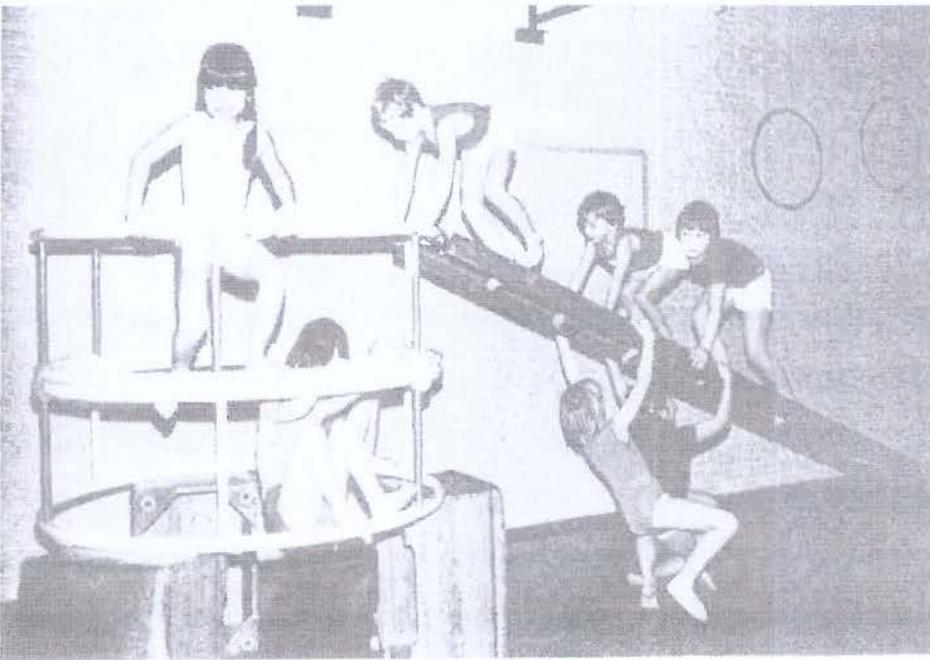


Figura 47. Faber, 1988.



Figura 48. Faber, 1988.



Figura 49. Faber, 1988.

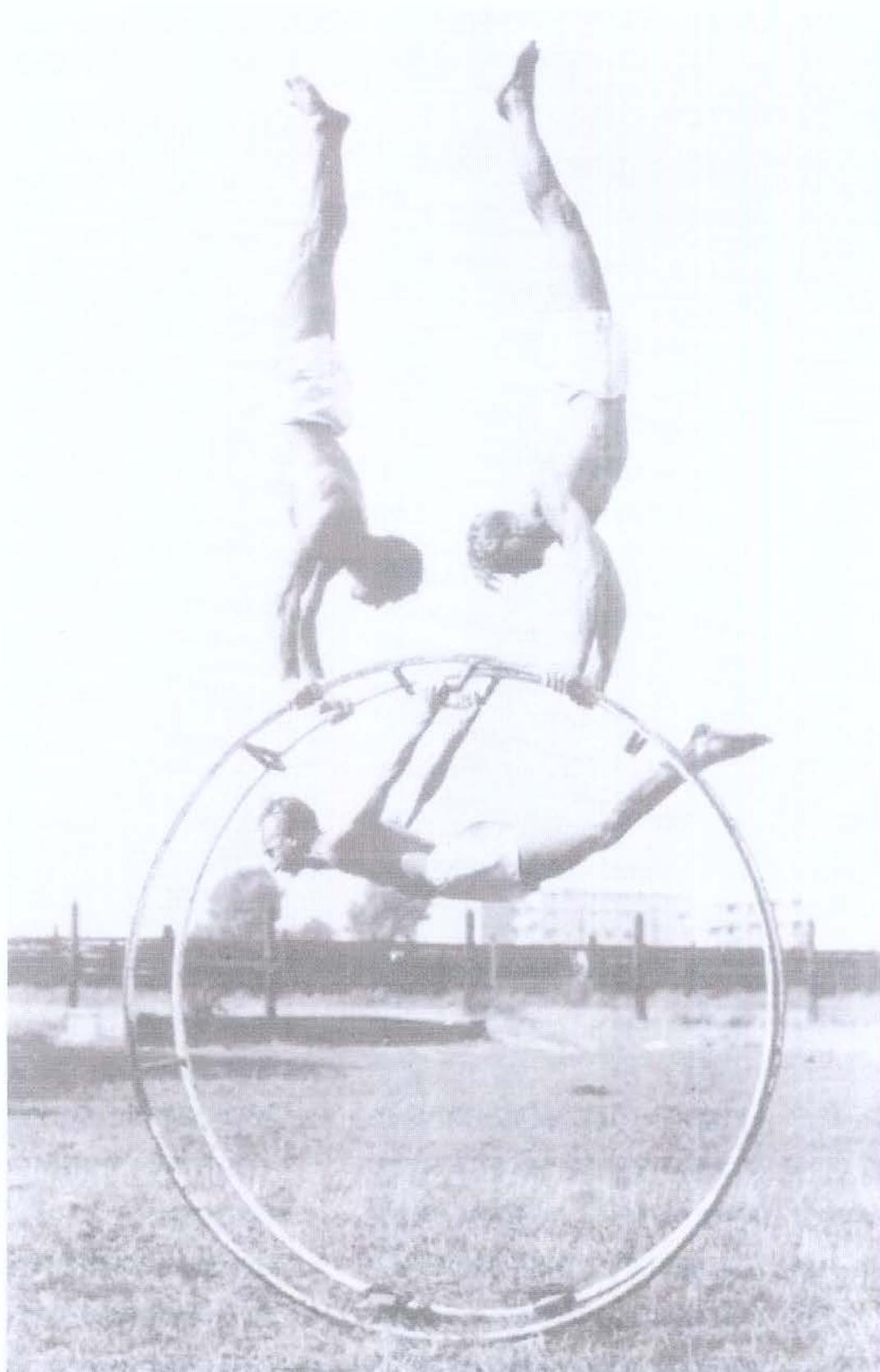


Figura 50. Demonstração em aproximadamente 1930.

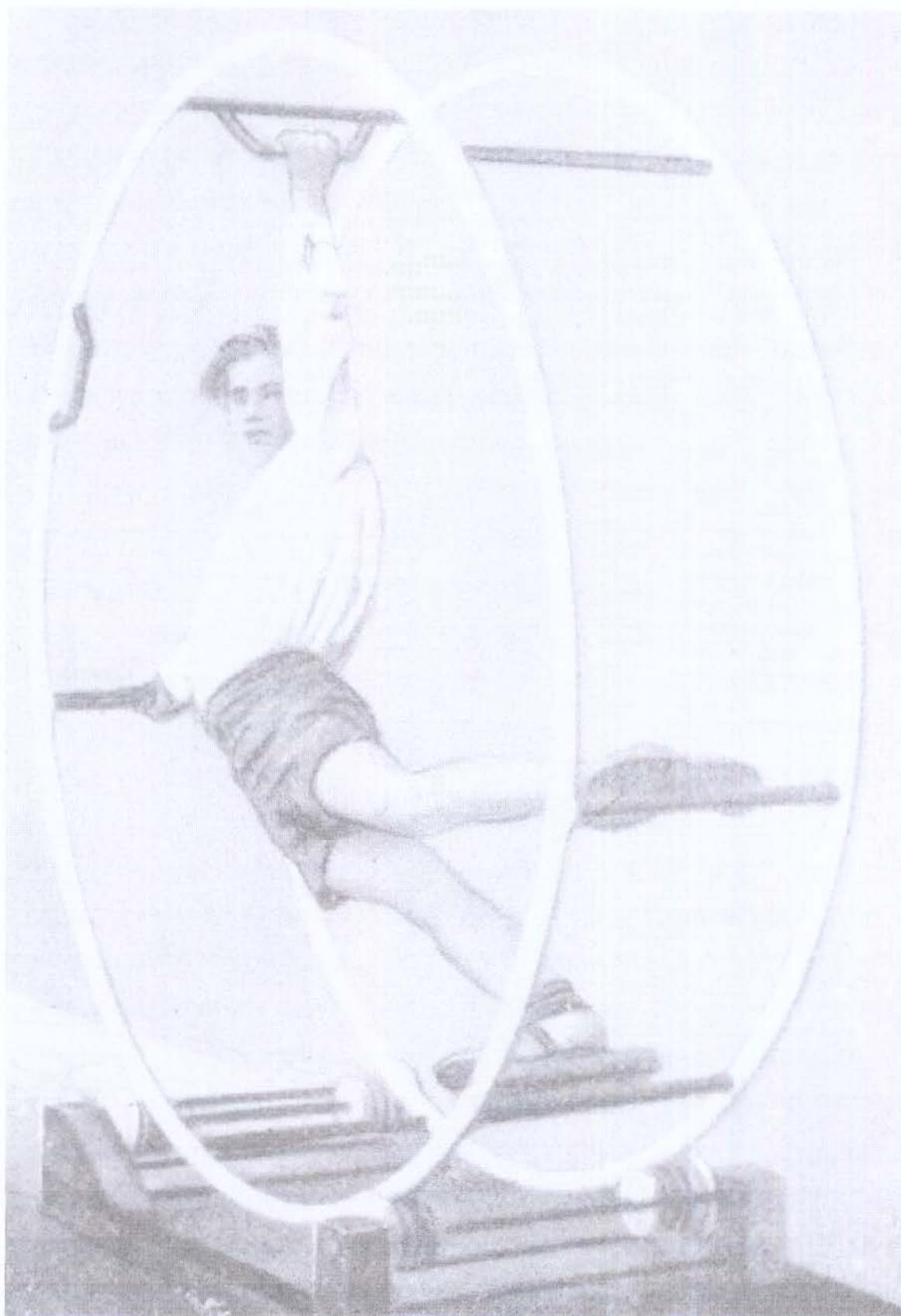


Figura 51. Aproximadamente 1930.

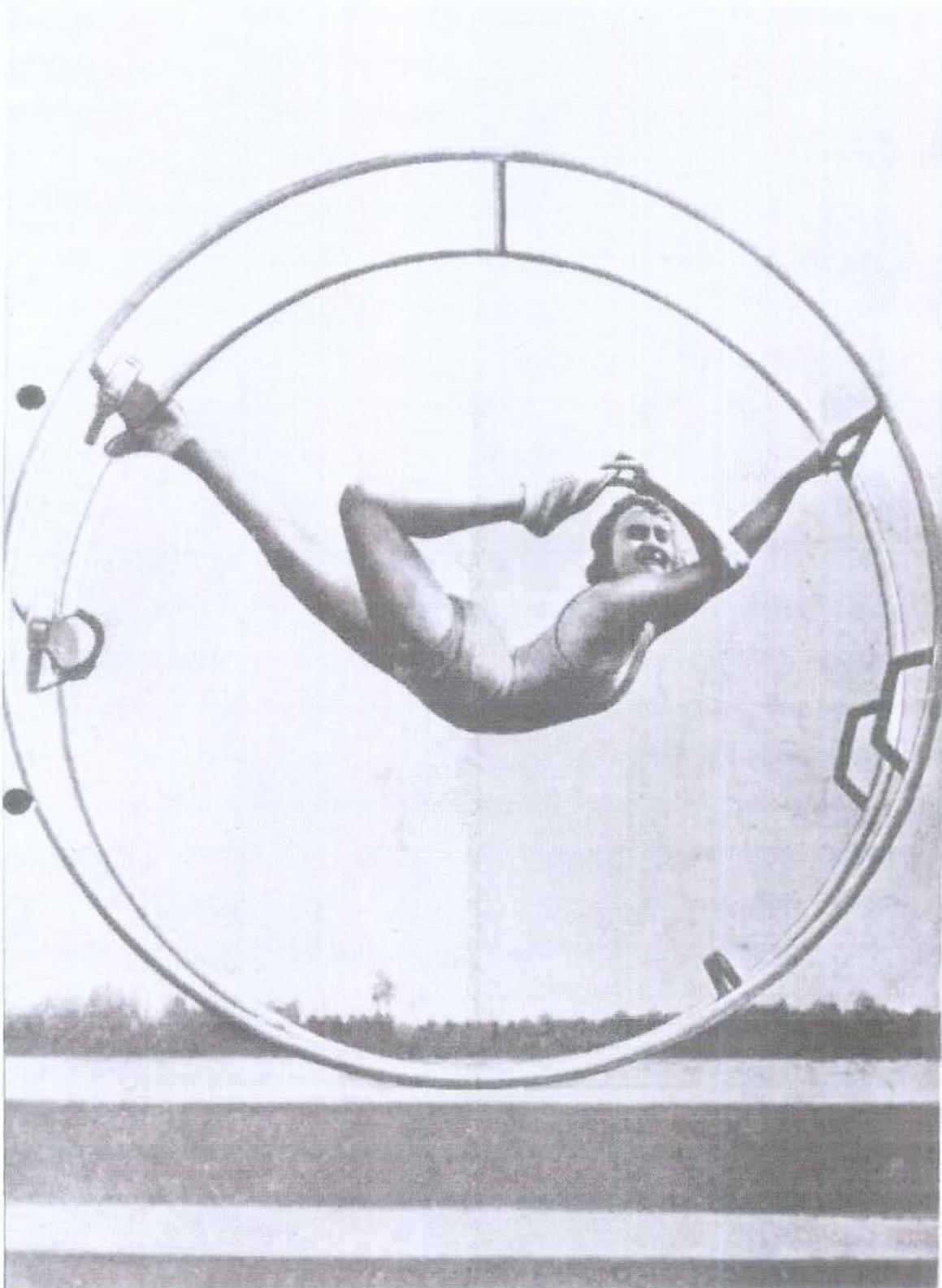


Figura 52. Demonstração em aproximadamente 1930.

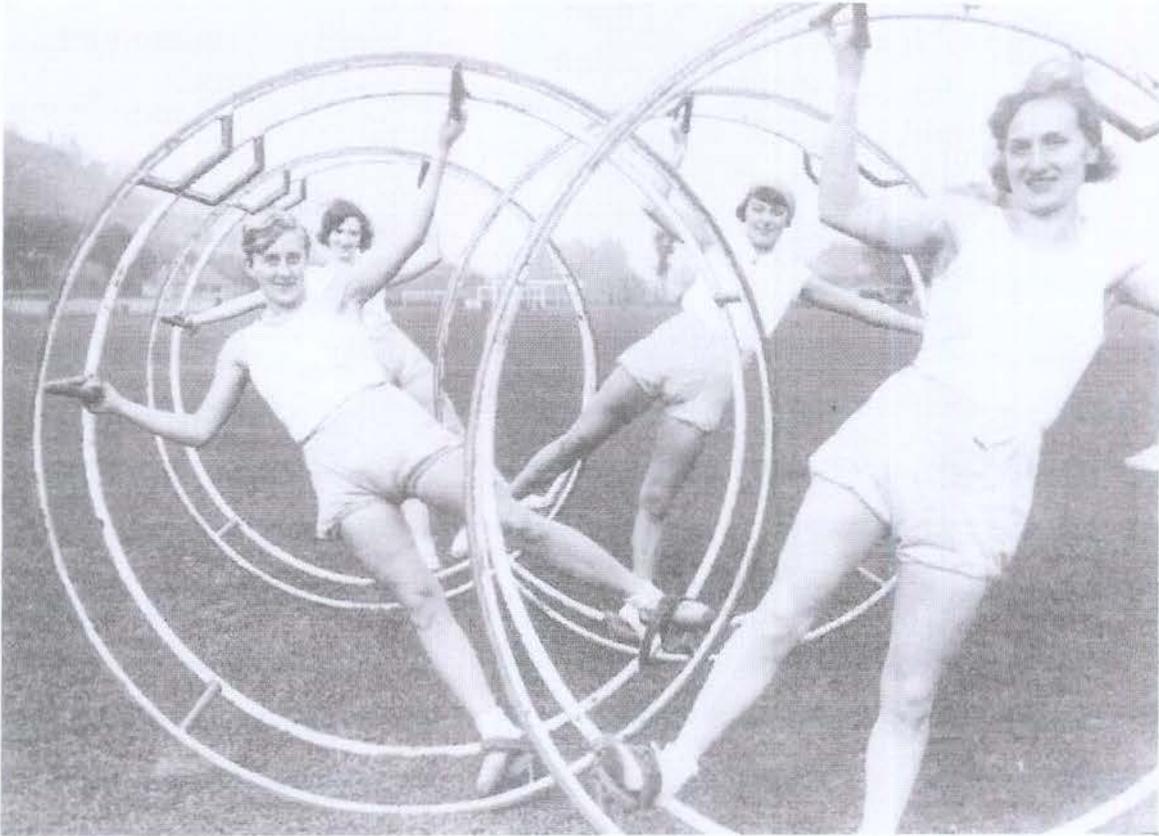


Figura 53. Demonstração em aproximadamente 1930.



Figura 54. Demonstração em Nova York, aproximadamente 1930.

Um olhar brasileiro

Foi no contexto apresentado até agora que me envolvi com a roda ginástica e isto tudo está hoje tatuado em minha sensibilidade e racionalidade. E é de acordo com minha história de vida e nas coisas que acredito, que aqui discuto e questiono a forma de ensino/aprendizagem da roda ginástica na Alemanha, e sugiro uma outra possibilidade, que não nega a primeira.

Penso no ensino da roda ginástica não como um esporte, mas como forma de expressão da cultura corporal através da utilização do aparelho roda e dos elementos ginásticos técnicos nela explorados.

De forma geral, uma aula contaria com momentos de aprendizagem da técnica básica, com avanços progressivos de acordo com o desenvolvimento individual; exploração e recriação de movimentos; conscientização e exploração da expressão corporal.

Não tenho a pretensão de aqui escrever um manual passo-a-passo do ensino da expressão da cultura corporal na roda ginástica. A intenção é apresentar esta modalidade gímnica desenvolvida na Alemanha, mostrar seu desenvolvimento histórico, a atual cultura competitiva deste esporte e sugerir um outro olhar sobre as possibilidades de utilização da roda.

Proponho aulas que confrontem, interajam e explorem a ciência e a beleza, a técnica e a arte fazendo com que, segundo Soares (1994, p. 23), "o ponto vital de uma aula, qual seja, a apropriação, apreensão, reelaboração do conhecimento" e Alves (2002, p. 97) completa "Precisamos dos dois: do conhecimento e da beleza. Mas a beleza não é científica."

Na Alemanha, mais de três mil clubes associados à federação nacional de roda ginástica. Comparando com outros países, pode-se dizer que o esporte é amplamente difundido e várias competições acontecem durante o ano. Por que tantas competições? Não poderiam ser mega-espetáculos demonstrativos?

Segundo Soares (1994, p. 26), a técnica "é elemento constitutivo e singular das formas culturais da atividade física tematizadas pela Educação Física como o Jogo, o Esporte, a Ginástica, a Dança..." Assim, fica evidente a importância do ensino da técnica (historicamente estudado e desenvolvido) da roda ginástica diante de qualquer proposta de ensino, como base sólida para o

desenvolvimento de outra(s) pedagogia(s). Porém, não se pode deixar de lado a exploração da expressão corporal, da arte...

Grande influência em minha formação teve o Grupo Ginástico UNICAMP, cuja concepção de Ginástica Geral envolve outras práticas corporais, como danças, jogos e brincadeiras, artes cênicas, artes musicais, experiências individuais, artes plásticas, lutas e esportes, tendo a ginástica como base. E o produto final deste trabalho gera coreografias, que podem ou não ser acompanhadas de música, não tem número de participantes ou tempo de apresentação determinados, podem conter materiais alternativos (caixas, panos, latas) ou conhecidos das práticas ginásticas. Segundo Carreiro (2000, p.11), "As coreografias, com fins demonstrativos, em ginástica geral são características fundamentais desta modalidade, pois é neste momento que se revela a produção e a criação do trabalho coletivo."

Poderiam sugerir aulas de roda ginástica de acordo com esta concepção de ginástica geral do Grupo Ginástico UNICAMP, trocando as palavras ginástica geral por roda ginástica. As outras práticas da cultura corporal seriam a dança, artes cênicas, artes plásticas, artes musicais, tendo a técnica da ginástica na roda como base. O produto final deste trabalho também seriam coreografias, tão livres quanto a criatividade e sensibilidade permitissem.

No Brasil, o esporte é novo e aos interessados cabe divulgar. Como? Os grupos de roda ginástica têm feito apresentações coreográficas. Particularmente o grupo da UNICAMP procura aliar a técnica de elementos da roda ginástica aos elementos da cultura corporal. Assim, pretendemos conquistar o público e atrair novos adeptos.

O público da roda ginástica em uma competição é, em grande maioria, composto por familiares, conhecidos dos competidores e técnicos, mais uma minoria curiosa. Em um espetáculo, a composição do público já é outra. É claro também que os familiares e conhecidos dos envolvidos nestas apresentações muitas vezes estão presentes. São pessoas que estão ali para ver o inusitado, a criação. Pessoas quaisquer que têm o gosto de apreciar releituras da cultura corporal.

Falo dos diferentes públicos nos espetáculos para mostrar a influência da roda ginástica competitiva e demonstrativa na difusão deste esporte. Em

que momento este aparelho e/ou este esporte estaria chamando mais a atenção de pessoas que não o conhecem? Pessoas que também podem interessar-se por sua prática? Penso que o contato com o público do espetáculo demonstrativo é um momento de fantasia e conquistas para novas experiências.

Ficam evidentes então, as diferenças entre o espetáculo competitivo e o demonstrativo. No espetáculo competitivo, tudo a ser mostrado ao público já é previsível. São exercícios obrigatórios, conhecidos e metrificados. Novo, só para quem vê pela primeira vez. Não que isto seja ruim. Não deixa de ser um espetáculo e há muitas pessoas que têm o gosto de ver o que sabem que vão ver inúmeras vezes. É apenas previsível. Quero enfatizar isto para deixar claro o meu gosto pelo inusitado, o novo, o desconhecido.

As palavras de Soares (1999, p. 20) reforçam a idéia do espetáculo competitivo. "...vai, paulatinamente, pontuando o espetáculo que promove, dando notas para as proezas, metrificando-as. Avalia a técnica não a arte. Investe na construção meticulosa do corpo como entidade biomecânica, orgânica, sem história, sem subjetividade. Um corpo que deve executar com perfeição uma série de exercícios preparados."

Mas, por que será que a roda ginástica não se tornou objeto central de exploração artística? Ela já ocupa lugar em espetáculos do Cirque de Soleil (do Canadá), do Circus Center (de São Francisco/EUA) e de outros circos menores na Argentina e EUA, por exemplo. A questão da competição e da demonstração também é assunto para outras modalidades esportivas. É um tema polêmico que precisa de maior aprofundamento. Agora, eu fico apenas com a discussão do artístico demonstrativo, sem entrar no mérito da competição.

"... o crescente receio da família burguesa, de profissionais que 'cuidavam' do corpo, como, por exemplo, os médicos, de higienistas e filantropos frente a este universo que se apresenta de modo tão encantador e, porque não dizer, 'perigoso' para a idéia de disciplina e ordem burguesas, sobretudo no que se refere aos usos do corpo. A razão básica do crescente receio era a constatação de que o universo gestual próprio do circo apresentava uma total ausência de utilidade. O corpo ali exibido em movimento constante despertava o riso, o temor e, sobretudo, a liberdade"... "... em seu lugar e a partir daquele universo gestual, nasceriam as 'séries de exercícios físicos', pensados, exclusivamente, a partir de grupos musculares e de funções orgânicas, a serem aplicados com finalidades específicas, úteis, e não como mero entretenimento" (SOARES, 1998, p. 24)

Vejo que hoje, o Grupo de Roda Ginástica da Unicamp vem melhorando tecnicamente e apresentando trabalhos interessantes e criativos. Ao mesmo tempo, verifiquei muitas apresentações de grupos de roda ginástica no Brasil, Alemanha e Espanha, com execução de exercícios técnicos considerados difíceis, mas uma expressão corporal debilitada. As exceções justificavam-se, ao meu ver, por ginastas de roda que tiveram experiências em circo ou com demonstrações em geral. Neles, notava-se que a postura, o olhar e a expressão de movimentos eram qualitativamente melhores. Pena que esta experiência de expressão corporal não adveio das aulas de roda ginástica, o que excluiu e exclui esta possibilidade de formação de várias pessoas.

Então, como quebrar este paradigma do ensino/aprendizagem do movimento metrificado, "robô" das aulas de roda ginástica na Alemanha? E esta "... visão de ciência como atividade humana capaz de controlar, experimentar, comparar e generalizar as ações de indivíduos, grupos e classes" (Soares, 1998, p. 23)? Como fazer com que alunos e professores que têm este tipo de formação façam uma apresentação artística de qualidade criativa? Ainda não tenho respostas para estas questões.

"Não sou filósofo porque não penso a partir de conceitos. Penso a partir de imagens. Meu pensamento se nutre do sensual. Preciso ver. Imagens são brinquedos dos sentidos. Com imagens eu construo histórias" (Rubem Alves, 2002, p 82).

É tudo uma questão de escolha...



Figura 55. HILDEBRANDT, 2000.

Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência. O dilema da educação*. 7ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.

CARREIRO, Tatiana Bierrenbach. *Grupo Ginástico Unicamp: História de vida dos seus integrantes*. 2000. Iniciação científica - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

FABER, Brigitte et al. *Rhönradturnsprache 1988*. Tradução para o inglês: Maria Sollohub. München: Deutscher Turner-Bund, Fachgebiet Rhoenradturnen, 1988.

GODOI, Evanilda de. *Arte e Educação*. 2000. Monografia - Faculdade de Pedagogia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

HILDEBRANDT, Rainer. *It happened at the wall*. Berlin: Verlag Haus am Checkpoint Charlie, 2000. 227 fotos.

HOMEYER, Katja. *Rhoenradturnen als Gestaltungsaufgabe*. In: Sportpaedagogik auf dem Jahrmarkt. Hamburg: 1999. 3 p. 32-37.

INTERNATIONAL RHOENRAD ASSOCIATION (IRV). *History of wheelgymnastics. Germany*. Disponível em: <<http://www.rhoenrad.com>> Acesso em: 14 nov. 2001.

INTERNATIONAL RHOENRAD ASSOCIATION (IRV). *Competition Rules 2002. Germany, 2002*.

SCHULZ, Helmut; SIELER, Paul. *Spielen und Turnen mit dem Rhoeni: Hinfuehren zum Rhoendadturnen fuer unsere kleinsten.* 1982

SOARES, Carmen Lúcia. *Sobre Metodologia: Cultura, Ciência e Técnica.* Revista Brasileira de Ciências do Esporte 16, 1994.

SOARES, Carmen Lúcia. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa do século XIX.* Campinas: Autores associados, 1998.

SOARES, Carmen Lúcia. *O Corpo, o Espetáculo, a Ginástica.* In: SOUZA, E. P. M.; AYOUB, E. (Org.) *Anais do Fórum Brasileiro de Ginástica Geral.* Campinas, 1999.

Anexo

Normas de segurança para o uso das rodas

- não deixar o aparelho cair no chão;
- não deixar o aparelho bater na parede ou em outros aparelhos;
- a roda não tem vida própria, portando quando não estiver sendo utilizada, mantê-la imóvel;
- você controla a roda e não ela te controla;
- só se usa a roda quando alguém responsável e competente estiver disponível para fazer segurança;
- esclarecer para a pessoa que fará a segurança o exercício que irá fazer e assegurar-se que ela entendeu e poderá agir caso você precise;
- exercícios novos só podem ser feitos com a roda movendo-se DEVAGAR;
- só se faz um exercício em velocidade após o seu domínio;
- ao pular da roda por dentro, evitar pisar nos aros, barras ou alças para evitar torções nos pés

Lembrete: Abaixo da roda não há colchão. Qualquer queda é um acidente e provoca cortes, hematomas ou problemas musculares e/ou ligamentares.